

WALTER NEVES

É indubitável que ao eleger como objeto primário de análise em seu texto a exposição como vetor de produção de sentido, Bezerra de Menezes trouxe para a discussão do discurso museológico aquilo que há de mais agudo e fundamental em qualquer área de investimento intelectual: desencadear a produção de significado. Nesse sentido, o expositor foi fundo, talvez o mais fundo possível, na análise do discurso museológico e no processo de comunicação dos museus, em particular os de arqueologia e etnologia, objeto deste simpósio, aos quais o autor também agregou os museus de história. Tenho enfatizado, sempre que possível, minha percepção de que estamos, paulatinamente, em qualquer área do conhecimento, nos tornando meros operários da ciência ou da atividade intelectual, já que nossa produção tem estado muito mais a serviço do acúmulo de dados e de informações, da replicação de experiências, do que propriamente a serviço da geração de sentido ou significado. Temos que recuperar aquilo que é de fato a pedra fundamental no exercício intelectual, que é a produção de sentido. O texto de Bezerra de Menezes é, ao meu ver, um alerta de excelência sobre a questão no que concerne a prática contemporânea da museologia.

Ao fazê-lo, entretanto, o autor beirou a crueldade. Conceitos que têm ancorado a prática museológica nas duas últimas décadas, como os de comunidade, público alvo, objeto, contexto, para não mencionar diorama e monitor, são destruídos pelo expositor numa rota quase suicida. Digo quase, porque o expositor oferece ao profissional de museu uma opção de curso. Mas aí a crueldade volta a se expressar, na medida em que o autor deixa seus leitores sem elementos pragmáticos para traçar essa nova rota. É quase como uma terra encantada depois do arco-íris. Todos gostariam de partilhar dela, mas ninguém sabe o caminho. E o arco-íris é tênue demais para servir como ponte, como rota. É mais ou menos assim que me senti ao ler e escutar o expositor. Talvez tenha sido uma sensação muito particular, mas me sinto compelido a repartir minha aflição com um público maior, na medida em que, creio eu, isto é inerente ao papel de um debatedor.

Dada a exigüidade do espaço gráfico que me cabe, vou tentar ilustrar isto que estou chamando de “efeito arco-íris” com base em apenas dois exemplos retirados do texto. Ambos giram, direta ou indiretamente, em torno de soluções museográficas. Na primeira parte da seção 3, “A exposição como convenção”, Bezerra de Menezes chama a atenção para a falácia do conceito de comunidade em nossa sociedade de classe, ressaltando que dada a enorme fragmentação de linguagem nela existente, só a indústria cultural se apresenta em condições de enfrentá-la. O autor admite, pouco a frente, que vê com dificuldade uma solução para o impasse no âmbito dos museus, sugerindo que “se deva desenvolver a exposição a partir de um núcleo básico e simples em que predomine a linguagem dos objetos e em torno do qual se expandam faixas concêntricas”. Ora, quem já participou de tal empreitada (que é meu caso) sabe que a opção por “faixas concêntricas” que se desenvolvem a partir de um núcleo básico, como solução formal para o problema da heterogeneidade do público, esbarra em questões de solução museográfica quase intransponíveis, se não insolúveis. As soluções encontradas, ou como prefiro denominá-las, pseudo-soluções, acabam passando sempre por um domínio de linguagens de apoio sobre a linguagem do objeto. Salvo engano de minha parte, Bezerra de Menezes concorda (ver item 5.3 de seu texto) que quando há domínio dos suportes verbais sobre a linguagem do objeto “esvazia-se consideravelmente a própria utilidade do museu”.

Quando o expositor passa a se dedicar a uma crítica contundente à questão do contexto, aliás uma das mais brilhantes e contundentes de sua peça, a mesma despreocupação com soluções museográficas leva-o à seguinte elaboração: “... ao invés de partir destas relações aparentes para romper a unidade superficial daquilo que é apenas empiricamente verificável, sensorialmente

apreensível, a fim de encontrar linhas de unidade mais profunda e substancial (*embora não sensorialmente perceptíveis mas visualisáveis na exposição*), ao invés deste esforço crítico e criativo, a exposição já de início reforça aquilo que a ação imediata dos sentidos pode fornecer, mascarando as articulações invisíveis porém determinantes”. Primeiramente, gostaria de ressaltar uma discordância do conteúdo: às vezes o “apenas empiricamente verificável” também pode ser utilíssimo como vetor de produção de significado. Há explanações nas sociedades que se esgotam no empiricamente verificável. Mas compartilho em gênero, número, grau, cor e cheiro, com Bezerra de Menezes que se quisermos explorar toda a potencialidade das exposições como vetores de produção de sentido seria bastante apropriado romper-se com os contextos aparentes, os empiricamente verificáveis, quando a explanação assim o exigir. Continuo, entretanto, cético sobre soluções museográficas de fato (aquelas onde a linguagem discursiva de apoio não substitui a linguagem própria do objeto) que permita ao museólogo colocar na prática as intenções provocadas por Bezerra de Menezes.

Em homenagem à excelência de conteúdo do texto posso até concordar com a primeira fase das conclusões do expositor: “Por coerência com a proposta apresentada no início deste texto, não teria sentido fornecer-se aqui, à guisa de conclusão, um rol de conselhos para promover boas exposições ou aprimorar sua performance”. Mas não posso deixar de expressar minha frustração pelo fato de tão bela peça conceitual deixar de examinar a factibilidade museográfica das propostas que preconiza. Bezerra de Menezes em nenhum momento considera a hipótese de que talvez não haja solução museográfica de fato (aquelas onde as linguagens de apoio não se imponham sobre as do objeto) para se alcançar aquilo que imagina como “potencial total” de uma exposição. Até que o faça, continuarei tomando a precaução de examinar o material apresentado pelo expositor sob a luz do “efeito arco-íris”.